

---

## LAÇOS DE PAPEL: BREVE ANÁLISE DA PRODUÇÃO EPISTOLOGRÁFICA PAULINA

**Karla Janaina Costa Cruz**  
UFPB  
kjanainacruz@hotmail.com

*“Nossos sistemas gráficos não só preservam as informações como proporcionam modelos que nos permitem ver a linguagem, o mundo e nossa mente sob nova luz. (...) Podemos dizer assim, que a nossa concepção moderna de mundo e nossa concepção moderna de nós mesmos são subprodutos da invenção de um mundo que está no papel.”*  
(OLSON, 1997, p. 274, 298)

### **I Ponto de partida**

O discurso epistolar, *latu senso*, é constituído pelas correspondências em geral, que formam a categoria dos textos epistolares. Este existe, supõe-se, desde que um recado escrito foi enviado a outro. Segundo Zanotto (2005), não se tem registro preciso da gênese desse momento – pré-histórico, em que foi escrito o primeiro bilhete, o primeiro recado escrito, a primeira carta – mas, é lícito supor que o hábito do homem se corresponder seja tão antigo quanto a escrita.

Escrever cartas, no sentido geral do termo, é uma atividade de linguagem que acompanhou o ser humano ao longo da história, nos mais diversos domínios discursivos. Como tema de estudo, as cartas são consideradas como “objetos nos quais estão imbricadas práticas sociais” (CAMARGO apud CUNHA, 2010, p. 2) e, por isso, são passíveis de análise na perspectiva da história cultural, para a qual o principal objetivo é analisar o modo “como uma realidade é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1994).

No domínio discursivo epistolar religioso, a Bíblia informa que, no começo da era cristã, o apóstolo Paulo serviu-se de cartas para cumprir sua missão evangelizadora/doutrinária e prescrevia por meio delas orientações litúrgicas e administrativas às comunidades nas quais era mui amado. Nesses escritos, mais do que prescrições, eram estabelecidos laços místicos e afetivos que mantinham a coesão dos cristãos primitivos.

O presente artigo pretende, pois, analisar as características das epístolas paulinas, como estas eram apropriadas por seus destinatários originais – considerando as *legibilidades verossímeis* desses escritos – e como são recepcionadas pelos leitores modernos, os quais se apropriam de seu discurso por meio do “processo de atualização”, que pode ser compreendido, no dizer de David Harlan (*apud* Benatte, 2007) como “novos modos de ver coisas velhas”.

## **II Paulo, o apóstolo escriba**

Diferente dos demais apóstolos – homens simples e pescadores – Paulo era um homem culto. Em *Atos de Paulo*, um livro apócrifo do século II, ele é descrito como “homem de pequena estatura, parcialmente calvo, pernas arqueadas, de compleição robusta, olhos próximos uns dos outros e nariz um tanto curvo” (Comentário do site *Vivos*, 2010, p.?).

Saulo, seu nome de origem judaica, foi educado em duas culturas (grega e judaica). Nascido em Tarso, cidade da Cilícia, conheceu a filosofia grega. As marcas de um amplo contato com a cultura helênica são facilmente visíveis em seus escritos. O grego, portanto, era sua língua de nascença, mas falava hebraico e, provavelmente, dominava também o aramaico e o latim.

A escola da sinagoga ajudava os pais judeus a transmitir a herança religiosa de Israel aos filhos. O menino começava a ler as Escrituras com apenas cinco anos de idade. Aos dez, estaria estudando a *Mishna* com suas interpretações emaranhadas da Lei. Assim, Paulo se aprofundou na história, nos costumes, nas Escrituras e na língua do seu povo. O seu vocabulário posterior era fortemente colorido pela linguagem da *Septuaginta*, a versão grega do Velho Testamento.

Saulo de Tarso passou em Jerusalém sua virilidade “aos pés do mestre judeu Gamaliel”, onde foi instruído “segundo a exatidão da lei. . .” (Cf. Atos 22:3). Gamaliel era neto de Hillel, um dos maiores rabinos judeus. Como se vê, Paulo era de fato letrado e instruído. Apto para discursar com filósofos estadistas – como nos mostra a narrativa de Atos dos apóstolos – e amante dos livros, a julgar pelo pedido que fez ao seu discípulo Timóteo ao lhe escrever uma epístola da prisão: “Quando vieres, traze a capa

que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos” (Cf. II epístola a Timóteo 4.13).

Paulo não foi primariamente um escritor, mas um rabino convertido ao cristianismo. Com a propagação do cristianismo pela Palestina, Ásia menor e Galácia veio também a necessidade de estabelecer laços com as comunidades recém-formadas. Observa-se, então, a existência de uma íntima relação entre as cartas e a geografia das primeiras comunidades. Como consequência de tal necessidade, o anúncio do evangelho, basicamente oral no princípio, teve de ser suplementado não muito tempo depois pela comunicação por carta.

Paulo parecia ter a consciência de que seus escritos exerciam uma **função presentificadora**. Sobre essa função, Castillo Gómez (2000, p. 22) argumenta que:

(...) cada carta busca seu interlocutor, reclama a presença da pessoa ausente. Preserva os vínculos na distância e configura um espaço através do qual se expressam e desenvolvem as identidades pessoais, familiares ou sociais.

As comunidades cristãs, por sua vez, aguardavam ansiosas os escritos de “seu pastor”. As epístolas eram lidas e relidas e circulavam em várias congregações de crentes, a fim de que os ensinamentos doutrinários do apóstolo fossem conhecidos e assimilados: “E, uma vez lida essa epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós.” (Cf. Colossences 4.16). Escrevendo aos Romanos, parece entender a função de seus escritos como **resgate da memória**:

E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros. Entretanto vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isso à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus. (Cf. Rm. 15.14, 15) (grifo nosso)

Desse modo, como argumenta Garcéz (2000), as missivas paulinas não só estreitam os laços em decorrência da distância, como de fato vão estabelecendo uma identidade religiosa e doutrinária específicas a cada uma das comunidades as quais essas se destinavam.

### III Epístolas paulinas: estrutura, temáticas e linguagem

Dos vinte e sete livros que compõe o Novo Testamento, vinte e um são cartas. Destas, treze são de autoria paulina. Segundo o comentário da Bíblia de Estudo Ilumina, as epístolas, como os demais livros do Novo Testamento, estão escritas em grego, o que não significa que o estilo literário epistolar estivesse especialmente difundido no mundo grego da época. Mas era um estilo muito difundido entre os romanos, que fizeram uso normal do correio como instrumento idôneo para vincular a metrópole com as legações políticas e militares de serviços nas províncias do Império.

Para efeito didático, as cartas paulinas encontram-se divididas em *Primeiras Epístolas* (1 Tessalonicenses e 2 Tessalonicenses); *Grandes epístolas* (Romanos, I Coríntios, II Coríntios e Gálatas); *Epístolas da prisão* (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom) e as *Epístolas Pastorais* (I Timóteo, II Timóteo e Tito). Nesses escritos, é possível verificar dois núcleos temáticos (LOURENÇO, 2008, p.5). Um de **natureza mais teológica, doutrinal e essencialmente cristológica**, conforme os trechos abaixo:

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; (...)” (Epístola de Paulo aos Efésios 1. 3,4)  
“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.” (Epístola de Paulo aos Filipenses 2. 5-8)

Outro orientado por **vivência de caráter exortativo, concentrado nas formas e identidade dos crentes face ao mundo que os rodeia**. Vejamos os trechos:

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.” (Epístola de Paulo aos Gálatas 5.13)  
“Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação.” (Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios 14.26)

Como se vê, as cartas de Paulo encerram gêneros textuais diversos – desde um tratado teológico sobre fé (como o é a Epístola aos Romanos), a um bilhete bastante pessoal e informal como em Filemom, passando por uma multiplicidade de temas como em I e II Epístolas aos Coríntios. Em relação à estrutura, as cartas paulinas seguem, em termos globais, ao modelo clássico romano. Desse modo, encontram-se divididas em três partes:

a) **Saudação** – Paulo se dirige a determinada comunidade cristã, saudando-a longamente e reforçando as credenciais de sua autoria. Assim, no lugar da tradicional e breve saudação romana “*Saúde*”, o apóstolo introduz no início de suas epístolas uma expressão mais complexa que dá testemunho de sua fé. Essas palavras são seguidas de uma *ação de graças* ou de uma *oração* em favor dos destinatários da carta. Vejamos alguns exemplos de suas saudações:

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi por Deus, outrora, prometido por intermédio dos seus profetas nas sagradas Escrituras, com respeito a seu Filho, o qual segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo nosso Senhor, por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para obediência por fé, entre todos os gentios, de cujo número sóis também vós, chamados para serdes de Jesus Cristo. A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos, graça a vós outros e paz da parte de Deus, vosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. (Cf. Epístola de Paulo aos Romanos 1. 1-7)

Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo, Graça e Paz a vós outros. Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e sem cessar (...) (I Epístola de Paulo aos Tessalonicenses 1.1,2)

b) **Corpo da Carta** – Aqui, Paulo desenvolve aspectos doutrinários, dirige exortações específicas e responde aos problemas e questionamentos das comunidades a que se destinam as epístolas. Essa parte constitui quase que a totalidade das cartas.

c) **Conclusão** – São também bastante extensas, contendo diversas saudações, bênçãos e doxologias. Diferente também da clássica despedida epistolar romana “*Saúde*” como se vê, por exemplo, em carta destinada ao governador Félix pelo tributo Cláudio Lísias, registrada em Atos dos Apóstolos 23. 30: “Sendo eu informado de que ia haver uma

cilada contra o homem, tratei de enviá-lo a ti sem demora (...). Saúde.” Vejamos, então, exemplos de conclusões paulinas:

Quanto ao mais, irmãos, adeus! Aperfeiçoai-vos, consolai-vos, sede do mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz estará convosco. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todos os santos vos saúdam. A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam convosco. (II Epístola de Paulo aos Coríntios 13. 11-13)  
Paz seja com os irmãos e amor com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. A graça seja com todos os que amam sinceramente o nosso Senhor Jesus Cristo. (Epístola de Paulo aos Efésios 6. 23,24)

Diferente da linguagem utilizada por Jesus – na qual as metáforas, parábolas e demais figuras provinham do contexto campestre da Palestina – Paulo fez uso em suas epístolas de uma linguagem mais cidadina fruto de seu contato com a cultura helenística. Suas metáforas giravam em torno de temas caros ao contexto greco-romano de então. Utilizava a figura do *soldado romano* (alusão à força bélica romana) e do *atleta* (alusão ao ideal grego de perfeição e cuidado com o corpo), comparando-os aos ensinamentos do cristianismo:

Participa de meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer aquele que o arregimentou. Igualmente, o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas. (...) Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. (II Epístola de Paulo a Timóteo 2. 4,5; 4.7) (Grifos nossos)

Com relação à linguagem empregada por Paulo em suas epístolas, não se pode esquecer, segundo Lourenço (2008, p.4) “dos métodos da exegese rabínica, nos quais era mestre, bem como a linguagem própria de um semita”. Assim, utiliza com frequência a *diatribe* – termo de origem grega ( “discurso ou conversação filosófica”) que, inicialmente, se refere aos discursos preambulares moralistas dos filósofos estóicos e cínicos na Grécia antiga. Esse método consiste em lançar perguntas ao leitor que o façam refletir: “Que diremos, pois a vista dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o Seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Epístola de Paulo aos Romanos 8. 31,32)

A antítese e o exagero – características da linguagem judaica – também são visíveis em suas cartas. As grandes antíteses de conteúdo teológico de Paulo são Vida/Morte, Carne/Espírito, Sono/Vigília, Sabedoria do Mundo/Loucura da Cruz, Letra (Lei)/ Espírito, Lei/Graça. Conforme mostra-nos os trechos:

Digo, porém: Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer. (Epístola de Paulo aos Gálatas 5.16,17)

Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor. (Epístola de Paulo aos Romanos 5. 20,21)

#### **IV Epístolas paulinas: um lugar para a escrita de si**

Para Castillo Gómez (2000, p. 25), “as cartas explicitam um duplo ato de representação: por um lado, o da pessoa ausente que se mostra através do signo escrito e do suplemento que acarreta, e, por outro, por sua função como espaço de conhecimento pessoal”. É o que ocorre nas cartas de Paulo: “a carta transcende o discurso enxuto da transmissão de uma série de notícias para configurar-se como consciência da subjetividade e como exteriorização do eu que transcreve” (GARCÉZ, 2005, p. 26).

Nesse sentido, a escrita epistolar se constitui uma atividade de cultura escrita que tem bastantes pontos em comum com o discurso autobiográfico. Em vários trechos de suas 13 epístolas, Paulo expõe seus sentimentos de alegria ante as conquistas missionárias, de decepções ante a falta de coerência de algumas comunidades e constrói discursos essencialmente autobiográficos. No trecho abaixo, fala sobre si como que em um desabafo emocionado aos Coríntios, se defendendo de falsos mestres que desafiavam sua autoridade apostólica:

E, posto que muitos se gloriam segundo a carne, também me gloriarei. (...) Tolerai quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem se exalte, quem vos esbofeteie o rosto. (...) São hebreus? Também eu. São da descendência de Abrão? Também eu. São ministros de Cristo? Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em

perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito a minha fraqueza. (...) Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livre das suas mãos. (...) (II Epístola de Paulo aos Coríntios 11. 18-33)

A exemplo desse trecho se percebe o que Garcéz denomina, como já dito, de “a exteriorização de um eu que fala” (2005). Essa exteriorização, porém, envolvia um intermediador responsável em segurar a pena – o secretário. Na época em que surgiram as epístolas neo-testamentárias era prática habitual que o autor ditasse o texto a um assistente ou amanuense. Paulo valia-se desse hábito no processo de produção das cartas. Isso pode ser verificado em observações encontradas nas epístolas, como por exemplo: “Saúda-vos Timóteo, meu cooperador, e Lúcio, Jasom e Sosípatro, meus parentes. Eu, Tércio, que escrevi essa epístola vos saúdo no Senhor”. (Cf. Epístola de Paulo aos Romanos 16. 21, 22)

Em qualquer caso, também era comum que, ao término do escrito, o próprio autor acrescentasse, do próprio punho, o seu nome e umas poucas palavras de saudação: “Vede com que letras grandes vos escrevo de meu próprio punho.” (Epístola de Paulo aos Gálatas 6.11); “A saudação escrevo eu, Paulo, de próprio punho.” (II Epístola de Paulo aos Coríntios); “A saudação é de próprio punho: Paulo. Este é o sinal em cada epístola: assim é que eu assino.” (II epístola de Paulo aos Tessalonicenses)

## **V O dever das epístolas paulinas – considerações finais**

Escritas no Século I, as epístolas paulinas são hoje parte de nossa cultura religiosa e literária. Para Benatte (2007, p. 27), “a possibilidade praticamente infinita de atualização” é o que faz dos textos bíblicos – e isso inclui as cartas – escritos contemporâneos de todas as épocas. Argumenta ainda que, o processo de atualização “opera por analogia: a multidão dos pecados de Israel é, de certa forma, a multidão de nossos próprios pecados” (*idem*).



Nesse sentido, as epístolas são a base doutrinária do Cristianismo. Se Cristo foi o responsável por fundar a mensagem evangélica, Paulo foi responsável em seus escritos por sistematizá-la. Nesse sentido, as cartas são constantemente retomadas em formulações de credos, na exposição de estudos bíblicos e sermões e até em poemas, como o foi o caso do trecho da I Epístola de Paulo aos Coríntios (Cf. capítulo 13 – O Amor é o dom supremo), que aparece nos versos camonianos.

Estudar como essas epístolas foram recepcionadas/apropriadas por leitores e ouvintes no decorrer dos séculos, e reconstituir os sentidos que lhes foram sendo historicamente atribuídos, seria um passo seguro para a pesquisa e interpretação da produção epistolográfica paulina.

Foi possível observar ainda que o ato de escrever cartas consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar um lugar para si através de palavras. Essas “memórias de papel” (CUNHA, 2010) devem ser estudadas, portanto, considerando suas *formas discursivas e materiais*, pois podem construir representações de uma época, iluminando práticas, hábitos e valores. Há de se considerar também no dizer de Bolleme (*apud* CUNHA, 2010, p.2):

A carta como uma prática de escrita partilha da constituição de um regime de sensibiliades/sociabilidades, ou seja, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, ‘pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer.

## VI Referências

BENATTE, Antônio P. História da leitura e recepção da Bíblia. Disponível em: <[www.oracula.com.br/numeros/0120007/05\\_benatte.pdf](http://www.oracula.com.br/numeros/0120007/05_benatte.pdf)>. Acesso: 16 abr, 2010.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Revista das revistas*. Disponível em:< [www.scielo.br/ea.pdf](http://www.scielo.br/ea.pdf)> . Acesso em: 02 out, 2009.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1994.

LOURENÇO, João. Cartas Paulinas: Contexto, comunidade e destinatários. Disponível em:< <http://www.ofm.org.pt/desig>> Acesso em: 10 jul, 2010.

---

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GOMÉZ, A. C. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. *In*: GALVÃO, Walnice; GOTLIB, Nádía. *Prezado senhor, Prezada senhora: um estudo sobre as cartas*. São Paulo: Companhia das latras, 2000. p.13-49.

“A vida do Apóstolo Paulo”. *In*: Vivos. Disponível em:  
<http://www.vivos.com.br/164htm>. > Acesso: 22 jul, 2010.